
Entre o muro de vidro e a grade, corpos estranhos

Between the glass wall and the fence, strange bodies

Beatriz Mutter Quinderé Fraga



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/7509>

DOI: 10.4000/pontourbe.7509

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Beatriz Mutter Quinderé Fraga, « Entre o muro de vidro e a grade, corpos estranhos », *Ponto Urbe* [Online], 25 | 2019, posto online no dia 25 dezembro 2019, consultado o 31 julho 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/7509> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.7509>

Este documento foi criado de forma automática no dia 31 julho 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Entre o muro de vidro e a grade, corpos estranhos

Between the glass wall and the fence, strange bodies

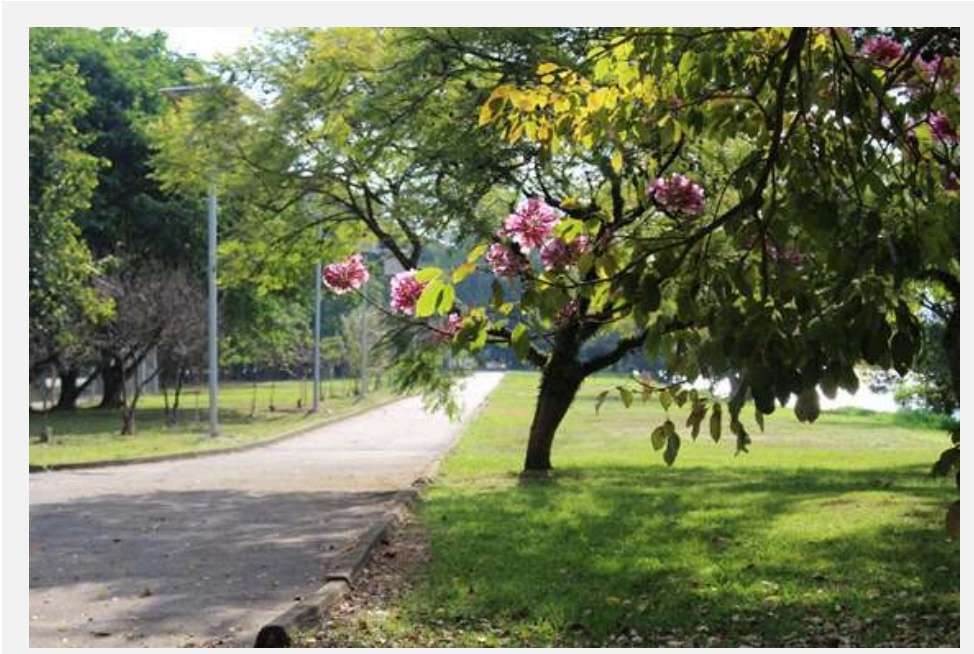
Beatriz Mutter Quinderé Fraga

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 05/12/2018

Aceitação / Accepted 09/08/2019

- 1 A raia olímpica da USP é um local inesperado em São Paulo. De um lado, uma das maiores avenidas da cidade, separada por um mero muro de concreto e, agora, de vidro. Do outro, uma das mais movimentadas e talvez a mais rápida avenida da universidade, separada por uma precária cerca de metal. Apesar de sua movimentada vizinhança, o espaço de quase 220.000 m² surpreende pela tranquilidade. Quem caminha pela área não se sente em São Paulo. O que mais espanta é o silêncio, todas as centenas de carros passando a altas velocidades ao seu redor parecem quase desaparecer ou são apenas um leve barulho de fundo, baixo demais para atrapalhar a sensação de tranquilidade que inunda o visitante.



Pista de cooper da Raia Olímpica. (Foto: Fraga)

- 2 Passando pela portaria na entrada, chega-se a um espaço aberto de concreto à beira da água onde vários barcos esperam para serem usados entre os galpões das escolas de remo. Alguns cachorros podem ser vistos deitados preguiçosamente pelo local, sem dar muita atenção às pessoas que passam. Estas, a depender do horário, são raras. Na hora do almoço, por exemplo, quase não há ninguém, somente os seguranças terceirizados, os funcionários das academias, que conversam, mexem nos equipamentos ou apenas descansam, alguns poucos corredores na pista de cooper e um ou outro remador. À esquerda fica a academia, que é um galpão com diversos aparelhos de exercício e uma piscina onde é possível treinar as remadas em equipe. Ao redor dela há vários barcos em aparelhos de suporte e alguns equipamentos de ginástica. Outros galpões servem de espaço para os clubes de remo, onde os esportistas e funcionários se reúnem e onde as embarcações ficam armazenadas. Além disso, há diversas árvores grandes, que criam uma agradável sombra no local para quem vai em direção à pista de corrida. Para chegar nesta, é preciso passar a academia e andar um pouco mais entre as árvores, até que se veja a calçada de concreto que a compõe. Ela margeia a raia em si, até quase a altura do Portão 2 da Cidade Universitária, onde um tapume a interrompe, devido à obra de substituição do muro de concreto pelo de vidro. Atualmente, por causa dessa obra, não é mais possível andar pelo outro lado da raia, onde há sempre diversos construtores e caminhões. Até chegar no seu ponto final, quem percorre a raia pode apreciar a vista do corpo d'água e das pessoas que nele praticam esportes enquanto caminha por uma área de gramado com árvores esparsas e ainda pequenas demais para criarem uma sombra fechada. Com a substituição do muro, é possível também ver a Marginal Pinheiros e sua movimentação, o que surpreendentemente não perturba o silêncio e a tranquilidade do local.
- 3 Apesar de ser um trajeto muito agradável de ser feito, é difícil ver pessoas caminhando ou correndo na pista, sendo possível ver mais gente correndo na calçada do outro lado da grade, à beira da Av. Professor Mello Moraes e ao lado de diversos carros e ônibus. Um dos motivos para a preferência por esse trajeto talvez seja a redução do

comprimento do percurso pela obra, mas o que mais chama atenção ao se andar pela pista é sua sujeira. É compreensível que as pessoas prefiram correr em um local limpo ao invés de terem que desviar de incontáveis pilhas de fezes, presentes em toda extensão do trajeto. Estas são cortesia do que talvez seja o elemento mais deslocado e, ao mesmo tempo, especial desse refúgio em plena metrópole: as capivaras (*Hydrochoerus hydrochaeris*).

- 4 Estas chegaram na USP por meio de uma ligação do córrego Pirajussara com a raia (Monteiro, 2016), mas é difícil obter informação sobre quando isso ocorreu e de onde elas vieram. O que é certo é que elas encontraram um local ideal para morar e não devem ir embora tão cedo, para a felicidade de muitos. Os animais são adorados por todos, já tendo sido cogitados como possíveis mascotes do recém-criado centro acadêmico de engenharia ambiental e sempre despertando comentários animados quando são assunto de alguma conversa entre quem costuma frequentar a Cidade Universitária. Esse amor é fácil de ser entendido, afinal as capivaras são grandes roedores pacatos, que passam seus dias capinando a grama da raia e brincando. Para moradores de São Paulo, onde mamíferos silvestres são raros, não é de se surpreender que um animal tão simpático seja uma bem-vinda quebra no cotidiano entre muros, arranha-céus, carros e corpos apressados.



Capivaras descansam e pastam na Raia

- 5
- 6 Apesar de serem amadas, as capivaras são também uma afronta em certa medida. A raia foi inaugurada em 1973, em decorrência de um projeto de melhorias urbanas do campus (Reale 1994). O local era inicialmente um lago de onde foi retirada a areia para construção da Cidade Universitária e foi reformado para abrigar a área esportiva, já que o rio Pinheiros não oferecia mais condições de ser usado para esportes aquáticos devido à poluição. A cartografia inicial da obra não previa sua ocupação pelos animais,

somente o seu uso civilizado por esportistas. Pode-se notar também, que o espaço não foi criado para ser um ambiente de lazer além do esporte, uma vez que praticamente não há espaços para se sentar e apreciar a tranquilidade do local. Toda a sua infraestrutura é voltada à prática esportiva: todas as construções são ocupadas por academias, clubes ou prédios relacionados ao esporte, como vestiários e a administração. Todos os bancos estão no pátio central, na entrada da raia, e são usados pelos atletas e funcionários em seus momentos de descanso. Além disso, há vários aparelhos de ginástica de rua, patrocinados por um grande banco.

- 7 Tal patrocínio revela uma dinâmica de ocupação não só da raia, mas da USP toda. Durante horários comerciais, o espaço da universidade é principalmente ocupado por estudantes, professores, trabalhadores e visitantes relacionados às atividades acadêmicas. À noite e nos fins de semana, por outro lado, são os atletas que dominam a Cidade Universitária. Como esta é formada principalmente por ruas longas, largas e muito arborizadas, ela é perfeita para corredores e ciclistas de alta velocidade, já que nela eles podem fazer percursos de diversos quilômetros sem ter de dar inúmeras voltas em uma pista fechada e monótona. Apesar de essas pessoas estarem ocupando um espaço que não era originalmente pensado para ser seu, já que correm e pedalam no meio da rua, e não na calçada ou na ciclovia, tal uso é incentivado pela universidade e por outros atores atraídos pelo interesse em lucrar com os atletas. Grande parte das propagandas exibidas nos relógios espalhados pela universidade, que se concentram nas grandes avenidas preferencialmente usadas pelos atletas, é composta por anúncios de marcas de esporte. Além disso, nos fins de semana, diversos grupos de corredores e ciclistas ocupam a área central da avenida da raia com barracas de suporte, onde podem beber água e descansar. Por mais que essa nova ocupação de um espaço público pela população seja interessante, ela acaba por excluir outras pessoas que poderiam aproveitar o espaço também. Os ciclistas de speed, principalmente, pedalam em grandes grupos que ocupam a rua toda correndo a altas velocidades, o que atrapalha os pedestres que tentam mudar de calçada e os motoristas que trafegam por essas vias. Como esse é um esporte caro, a maioria dos atletas é de classe alta, o que torna o espaço dominado pela elite e acaba por dificultar o acesso da população mais pobre, que poderia utilizar o espaço da USP como um parque ou para outras atividades de lazer.
- 8 Na raia, algo similar pode ser percebido por meio do seu pouco uso por quem não vai lá se exercitar. Ela não é convidativa para quem quer apenas descansar: é preciso passar por uma catraca para entrar, o que pode espantar desavisados; toda a infraestrutura é voltada a práticas esportivas, o que não estimula que uma pessoa vá lá para algo que não o esporte. A coreografia permitida pela cartografia do espaço, para utilizar os conceitos de Fabiana Britto e Paola Berenstein (Berenstein & Britto 2012), portanto, é muito específica e acaba por excluir muitas pessoas que não têm interesse em praticar remo ou correr. As pessoas que mais ocupam esse espaço para o lazer além do esporte são, paradoxalmente, aquelas que lá estão para trabalhar. Na hora do almoço, é possível ver vários dos funcionários descansando embaixo das árvores. Logo na minha primeira ida a campo, enquanto estava sentada em frente a uma goiabeira observando as capivaras, um dos instrutores de remo aproximou-se para colher os frutos da árvore, que ele disse ser a única goiabeira do local que frutificava. Tal apropriação do espaço contrasta com a ausência de outras pessoas ao longo da pista de cooper e fora das áreas de trabalho e prática esportiva. Enquanto quem tem de ficar o dia todo lá a trabalho ocupa todos os seus espaços e os reinventa, a partir, por exemplo, do uso das plantas locais ou da prática de natação na raia, que mesmo sendo proibida é feita pelos

funcionários, aqueles que estão lá justamente para o lazer que a raia oferece, limitam-se aos espaços aquáticos e de treinamento, ficando restritos à área que lhes foi atribuída pelos arquitetos. Quem não pratica esporte nem trabalha no lugar, por sua vez, mal chega a tomar parte do espaço, o qual fica vazio grande parte do tempo.

- 9 Nesse contexto de pouca ocupação, as capivaras tornam-se o elemento corpográfico por excelência, ao burlarem todos os planos arquitetônicos e de movimentação e criarem, com e em seus corpos, um ambiente outro. Suas fezes, por exemplo, tomaram conta de grande parte do espaço, cobrindo a pista de cooper quase que completamente, o que pode espantar corredores, mesmo sendo estes uns dos atores originalmente pensados para ocupar o local.
- 10 Além de moldarem o espaço ao seu redor, o espaço afeta o corpo das capivaras. Elas vivem em um grande grupo com mais de 20 indivíduos. Em seu ambiente natural, elas chegam a ter bandos muito maiores do que isso, com até 100 membros (Garcias & Bager 2009), mas há uma significativa variação entre o tamanho do rebanho em épocas chuvosas e secas, quando o grupo diminui e aumenta, respectivamente. Na USP, não há mudanças tão grandes na quantidade de água disponível, uma vez que, em São Paulo, não há tal sazonalidade pluvial e o volume da raia é controlado. Além disso, só há um grupo na área, que é restrita, o que impede flutuações na sua composição, uma vez que os animais não têm para onde ir para formar outro bando. A princípio, não fica claro como essa limitação espacial afeta os animais, mas há diversas consequências negativas. No seu habitat natural, os jovens machos deixam o grupo dos pais para se juntarem a outro. Na raia, isso não é possível, o que aumenta a proporção de machos no bando. Apesar de ser normal ter vários animais desse gênero em um grupo (*ibidem*), que tem um líder com maior acesso às fêmeas, o número grande demais deles leva a muitas brigas. De fato, é possível ver em algumas das capivaras, machucados profundos decorrentes desses conflitos. Para amenizar esse malefício, porém, o fato de os animais estarem em uma área da universidade ajuda na cura desses ferimentos, uma vez que, segundo uma das seguranças, os animais feridos recebem tratamento de pessoas vinculadas à Faculdade de Veterinária.



Capivara com machucado provavelmente causado por uma briga

- 12 Outra marca do espaço no corpo dos animais é seu tamanho. Todos eles são grandes e parecem estar bem nutridos, o que faz sentido, já que encontraram um local que supre todas suas necessidades, além de não abrigar nenhum predador. Na USP, há capim abundante ao redor da pista de cooper, o que é suficiente para alimentar o bando, já que a dieta das capivaras é composta quase que exclusivamente por grama. Além disso, há água, onde podem brincar ou fugir de alguma pessoa que se aproximou demais. De fato, elas passam grande parte do dia nadando. Há certos locais nas margens da raia, onde há pequenas praias, que as permitem ficar em águas rasas e também subir de novo para as áreas mais elevadas, onde há mais espaço e grama.
- 13 Quando elas ficam nessas prainhas, é possível observar seus hábitos grupais. Vários pares simulam lutas, indo de encontro uns aos outros com as patas dianteiras levantadas. Outros nadam a esmo, de vez em quando com outro animal de carona em seu traseiro. Alguns ainda só ficam aproveitando a água lamacenta, boiando e dando vagarosas piruetas. Os filhotes menores, parecem não gostar de ficar tanto tempo fora da terra firme, já que ficam deitados na margem. Observando esses comportamentos é fácil de entender a simpatia pelo animal, que é extremamente adorável.



Capivaras descansam na água

- 14 Por fim, as capivaras da USP parecem ser bem maiores e mais limpas do que os indivíduos que podem ser vistos eventualmente nas margens do rio Pinheiros. Estes costumam ser mais magros e ter o pelo de uma cor mais escura, um marrom quase preto. As que vivem na raia, por outro lado, são gordas e têm o pelo castanho ruivo, sempre com a aparência de ainda estar secando do último mergulho.
- 15 Viver na raia, além de alterar seus corpos, também afeta as capivaras em sua relação com os seres humanos. Na natureza, elas interagem com diversos animais, como predadores (onças, jacarés) e pássaros, que pegam carona em suas costas ou comem insetos que vivem em seus pelos. Na raia, é possível ver aves repousando nas capivaras, mas essa parece ser a única interação com outra espécie animal, já que os cachorros que também habitam o local ficam mais perto da entrada, onde as capivaras não costumam se acomodar, já que elas se concentram ao redor da pista de cooper. Sua interação é, portanto, somente entre o grupo e com as pessoas.
- 16 A relação com os seres humanos parece harmoniosa. Um dos instrutores de remo me falou que elas não atrapalham os praticantes do esporte, já que conseguem nadar para longe do barco quando este se aproxima. Além disso, elas não parecem ficar muito incomodadas com a aproximação humana, apesar de isso variar. Em certa medida, são elas que determinam o quão perto aceitam que se chegue delas. Quando estão pastando ou deitadas na grama, mais próximas da grade ou da água, ficam em alerta se uma pessoa tenta chegar a menos de um metro delas. Por outro lado, quando elas mesmas se posicionam perto da pista de cooper, não parecem se importar caso se chegue mais perto, tendo eu conseguido ficar a cerca de 10 cm de uma delas, que pastava no limite entre a grama e a calçada.
- 17 Isso colocava também a questão da relação do meu corpo com o delas. Em interações humanas, nós sabemos quase que intuitivamente como devemos nos portar em cada situação. Ao longo de nossas vidas aprendemos a movimentar nosso corpo. Sennet, em seu livro *Carne e Pedra*, mostra como isso ocorria em Atenas na Antiguidade, onde os

jovens cidadãos frequentavam a academia para desenvolver o corpo digno de sua posição social: musculoso, ágil e exposto. Eles também eram ensinados a andar e falar corretamente (Sennet 1994). Mais próximo da nossa realidade, Loïc Wacquant narra em *Corpo e Alma* como uma academia de boxe consegue moldar o corpo e seus movimentos para que a ação, durante a luta, seja automática e intuitiva, mesmo que não exclua a necessidade de se pensar enquanto age (Wcquant 2002).

- 18 Ao tentar estudar animais silvestres, por outro lado, a questão não é tão simples, uma vez que é difícil medir como eles reagirão à presença e aos movimentos do seu corpo. Subitamente, a forma como aprendemos a nos portar deixa de fazer sentido e temos que aprender sozinhos, sem um técnico ou sábio que nos diga qual é o movimento correto em cada ocasião. Desde a primeira ida a campo, uma de minhas principais preocupações era como me portar perto das capivaras. Até que distância posso me aproximar? Se eu estiver próxima delas na grama ou no concreto da pista, há alguma diferença? Se eu me sentar perto de onde o grupo está para observá-lo, elas voltarão a agir normalmente ou ficarão em estado de alerta até eu me afastar? Devo evitar roupas coloridas, caso isso as incomode?
- 19 De forma geral, as capivaras pareciam bem acostumadas com a interação humana. Na natureza, caso haja contato frequente com pessoas, elas adotam hábitos noturnos, em busca de sossego. Na raia esse não é o caso, já que elas continuam sendo ativas durante o dia. Além disso, minhas tentativas de aproximação não pareceram incomodá-las demasiadamente. Às vezes eu era recebida com bufadas caso chegasse muito perto, mas, em geral, elas apenas paravam de se alimentar e me observavam. Caso eu ficasse parada ou fosse embora, elas voltavam a pastar tranquilamente. A única vez em que elas ficaram realmente incomodadas com a aproximação humana foi quando José Sérgio resolveu me mostrar o pulo das capivaras. José Sérgio é um homem surdo-mudo, cujo cunhado trabalha na raia, e estava passeando na pista de cooper quando me viu e resolveu conversar comigo. Devido à sua deficiência e meu desconhecimento de libras, não conseguíamos nos comunicar muito bem, apesar de tentarmos falar por sinais, e não consegui explicar que estava fazendo um trabalho de campo sobre os animais. Mesmo assim, ele percebeu meu interesse nas capivaras e decidiu me ajudar. Saiu correndo atrás dos roedores que pastavam entre a pista e a água. As capivaras ficaram, então, desesperadas e fugiram, pulando na água, o que provocou risos em José Sérgio. Essa foi a única vez que eu presenciei em que os animais ficaram realmente desconfortáveis com os seres humanos, já que nas ocasiões em que eu me aproximei delas, elas só me observaram e voltaram às suas atividades normais quando perceberam que eu não oferecia nenhum risco.
- 20 A minha cautela em relação às capivaras, assim como a ousadia de José Sérgio, levou a situações interessantes. Certa vez, sentei-me a cerca de 2 metros do bando e fiquei olhando para elas. No primeiro momento, os adultos pararam o que estavam fazendo para me observar e afastaram-se um pouco. Para que elas se sentissem mais à vontade com minha presença, parei de encará-las e comeci a escrever meu relato de campo. Com o tempo, foi possível perceber que elas estavam ficando mais relaxadas, pois praticamente todas voltaram a comer e os pequenos, a brincar. Em determinado momento, notei que os filhotes estavam tão curiosos sobre mim quanto eu sobre eles. Após perceber que um grupo de pequenos estava brincando, correndo e fazendo barulhos, vi que eles se aproximavam de mim, apesar de ainda estarem afastados. Um deles foi quase que empurrado para fora do grupo em minha direção, na qual saiu

correndo até chegar a cerca de 30 cm de mim. Um dos adultos não gostou do seu atrevimento e o guiou de volta ao centro do rebanho. O interessante desse evento foi perceber como esses animais podem comportar-se como humanos. A dinâmica entre os filhotes pareceu muito a de um grupo de crianças que escolhe quem será o corajoso, ou azarado, que irá investigar algo que, ao mesmo tempo que as assusta, as fascina, seguido da repreensão da mãe pela ousadia.

- 21 As capivaras, portanto, são um dos elementos que humaniza um espaço, que, apesar de ser muito agradável, não é atrativo de ser ocupado para todos. Quem frequenta a raia, em geral, não está lá só para aproveitar a tranquilidade, mas para praticar esportes ou trabalhar. Não há muitos incentivos para pessoas de fora do universo atlético ocuparem o espaço. Felizmente, as capivaras parecem assumir essa função. Sua presença mostra como o local pode ser tomado por outras pessoas ou animais, que podem apreciar tanto a calma e a beleza de lá, sem ter que se interessar pelas atividades físicas, para as quais ele foi construído.

BIBLIOGRAFIA

- BRITTO, Fabiana e JACQUES, Paola. 2012. "Corpo e cidade – coimplicações em processo". Rev. UFMG, Belo Horizonte, v.19, n.1 e 2, p.142-155, jan./dez.
- GARCIAS, Felipe Maia; BAGER, Alex. 2009. "Estrutura populacional de capivaras na Estação Ecológica do Taim, Brasil, RS". Ciência Rural, Santa Maria, v.39, n.8, nov.
- MONTEIRO, Carla. "Capivaras do campus passarão por medidas de castração". Jornal do Campus, 29 de setembro de 2016. Disponível em: <http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2016/09/capivaras-do-campus-passarao-por-medidas-de-castracao/> (Acesso: 09/05/18)
- REALE, Miguel. 1994. "Minhas memórias". Estudos avançados, São Paulo, v.8, n.22., sep./dez.
- SENNET, Richard. 2003. Carne e Pedra – o corpo e a cidade na Civilização Ocidental. Rio de Janeiro: Record.
- WACQUANT, L. 2002. Corpo e Alma Notas Etnográficas de um Aprendiz de Boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- San Diego Zoo. "Capybara fact sheet". Disponível em: <http://library.sandiegozoo.org/factsheets/capybara/capybara.htm>. (Acesso em 09/05/18)

AUTOR

BEATRIZ MUTTER QUINDERÉ FRAGA

Graduanda em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo E-mail : beatriz.fraga@usp.br